

O MOSTEIRO DE PARIS ANTES DA BIC

Foi só o tempo de chegar ao destino do caminhão, e Eugenio já me convidava a descer.

Confirmou que, três dias depois, seria exatamente naquele mesmo ponto que ele me encontraria de novo para a viagem de volta para casa.

Peguei o celular e procurei o lugar onde ia passar a noite. A distância era de 3,6 quilômetros.

Então comecei a andar, refletindo sobre os fatos, os acontecimentos e a estranha série de circunstâncias que tinham me levado até ali, sem conseguir esconder um sorriso de vez em quando, enquanto não chegava à minha hospedagem compartilhada.

Quando finalmente cheguei, o prédio tinha um aspecto incomum. Era uma mistura de igreja, moinho e galpão agrícola.

Mas eu estava na França. Coisas que parecem bizarras aos italianos costumam ser consideradas perfeitamente naturais por lá. Ou, pelo menos, era nisso que eu acreditava.

Apertei o interfone. Em vez de uma campainha, ouvi o toque de um sino, do mesmo tipo usado nas igrejas na hora da comunhão.

Apareceu um homem baixo. Careca. De barba escura. Vestindo um hábito de monge.

Expliquei que tinha feito uma reserva e que já tinha pagado pela internet. Ele pegou meu documento de identidade, conferiu os dados, me entregou a chave do armário número três, me deu um bilhete com a senha do Wi-Fi e depois me acompanhou até o quarto compartilhado.

Enquanto caminhávamos, perguntou o que tinha me trazido a Paris. Respondi: “As mulheres.”

No instante em que falei, tive imediatamente a sensação de que alguma coisa escapava à minha compreensão. Mas o quê?

Ele continuou andando na minha frente. Instantes depois, abriu uma porta grande e me convidou a entrar.

Entrei no que parecia um galpão com sessenta beliches e apenas dois banheiros. Mulheres à direita. Homens à esquerda.

Nem durante o serviço militar na Itália, em 1984, eu tinha vivido algo remotamente comparável. O maior alojamento que eu já tinha visto abrigava vinte pessoas.

Ali, porém, meu colega de dois mil anos atrás parecia decidido a me mandar mais um recado: “Frega, você ainda não viu nada.”

Eu me vi dentro de um mercado de gente de todas as nações e de todas as tradições. Não era um quarto compartilhado. Não era um albergue. Era algo completamente diferente.

Na Itália, um lugar assim teria provocado indignação pública, atraído investigações judiciais e dominado o noticiário. Aqui? Perfeitamente normal. Bem-vindo à França.

No entanto, a instituição era de natureza católica, e eu queria entender como uma coisa daquelas podia existir.

Acabei descobrindo que pertencia a uma congregação religiosa dirigida por uma ordem católica cujo cardeal tinha sido excomungado pelo Vaticano, tempos atrás, por ter se recusado a se adaptar ao formato estabelecido.

Então ele tinha criado um sistema próprio.

Depois que conectei o celular à rede Wi-Fi, chegou uma mensagem de Chanel. Ela perguntava se eu tinha chegado bem, em que hotel estava hospedado, e me informava que, se eu lhe desse o endereço, viria pessoalmente me buscar na manhã seguinte para o nosso encontro.

Respondi que tinha chegado havia pouco. A viagem tinha corrido muito bem. E, quanto ao hotel, tinha gentilmente providenciado carro e motorista, de modo que eu já teria transporte na manhã seguinte. Mesmo assim, agradeci a oferta.

Naquela noite, dentro do salão compartilhado, aconteceu algo inesperado. Um grupo de pessoas de origem indiana e outro grupo, do Brasil, estavam ouvindo a mesma música ao mesmo tempo.

Quanto mais eu escutava, mais familiar ela soava. Então entendi por quê. Eles estavam no gillettenarrative.com.

Era isso que meu colega de dois mil anos atrás queria que eu visse. E aquilo me deixou feliz.

Na manhã seguinte, depois de caminhar meus três quilômetros, peguei o metrô em direção à Champs-Élysées e cheguei com bastante antecedência.

Parei diante da entrada. Por um instante me perguntei se estava fazendo a coisa certa.

A resposta era sim. Porque eu não estava pedindo dinheiro a ninguém. E era livre para escutar o mundo.

Ferdinando